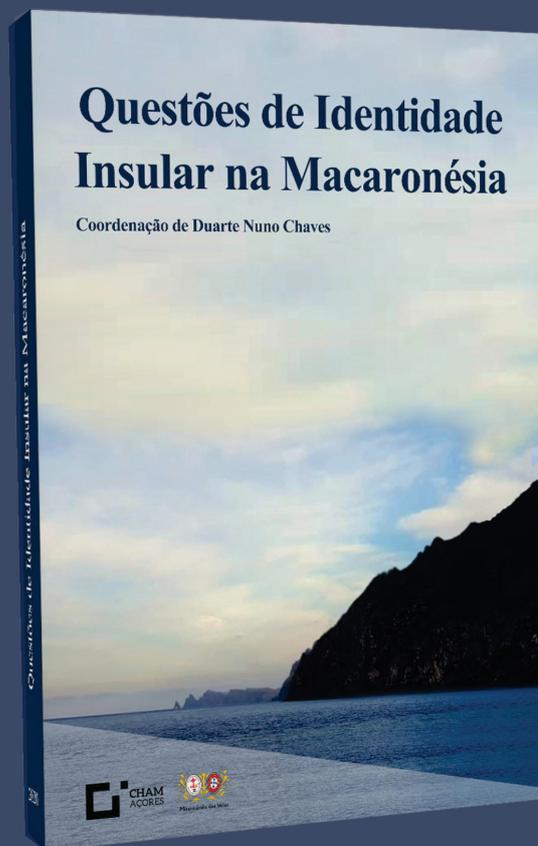


Susana Serpa Silva
Universidade dos Açores/CHAM/FCSH



SILVA, Susana Serpa. 2020. “A ilha Graciosa nos relatos de viajantes estrangeiros (século XIX)”.
In: CHAVES, Duarte Nuno (coord). *Questões de Identidade Insular na Macaronésia*. S. Jorge:
Santa Casa da Misericórdia das Velas & CHAM – Centro de Humanidades. pp. 103-120.

ISBN: 978-989-54856-0-4

***QUESTÕES DE IDENTIDADE INSULAR
NA MACARONÉSIA***

Coordenação

Duarte Nuno Chaves

Santa Casa da Misericórdia das Velas
CHAM — Centro de Humanidades
Velas, S. Jorge, Açores
2020

FICHA TÉCNICA

Título	<i>Questões de Identidade Insular na Macaronésia</i>
Coordenação	Duarte Nuno Chaves
Autores	Vários
Edição	Santa Casa da Misericórdia das Velas & CHAM – Centro de Humanidades
Paginação	Gonçalo Mendes – DRC Madeira
Capa	Laura Catarina Nunes
Fotografia da capa	Élia de Sousa
Depósito Legal	471588/20
ISBN	978-989-54856-0-4
Data de Saída	2020
Execução Gráfica	Nova Gráfica Artes Gráficas Rua da Encarnação, 21, Fajã de Baixo 9500-513 Ponta Delgada São Miguel - Açores

Apoios



Secretaria Regional
de Turismo e Cultura
Direção Regional da Cultura



Esta edição foi financiada pela Secretaria Regional do Mar, Ciência e Tecnologia do Governo Regional dos Açores (M3.3.c/Edições/002/2019) e contou com o apoio da Secretaria Regional do Turismo e Cultura do Governo Regional da Madeira. No âmbito do projeto de Pós-doutoramento com a referência “M3.1. a/F/003/2016” do Fundo Regional da Ciência e Tecnologia.

ÍNDICE

- 11 Duarte Nuno Chaves**
NOTA DE ABERTURA E BREVE ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO
- CAPÍTULO I - ITINERÁRIOS DO ESPAÇO E DA HISTÓRIA**
- 21 Liliana Ferreira**
UMA APROXIMAÇÃO AO MUNDO INSULAR. ENTORNO DA ARQUITETURA EM SOCALCOS NA MACARONÉSIA
- 35 José Antonio González Marrero**
LA ISLA DE SAN BORONDÓN, UN ELEMENTO DE IDENTIDAD ATLÁNTICA DESDE LA EDAD MEDIA HASTA LA ACTUALIDAD
- 51 Mariano Gambín García**
LA REPOBLACIÓN DE GRAN CANARIA DESPUÉS DE LA CONQUISTA A FINALES DEL SIGLO XV. ASPECTOS HUMANOS Y POLÍTICOS
- 73 Javier Luis Álvarez Santos**
EXOGENESIS E INCLUSIÓN SOCIAL EN ÁREAS DE CONTACTO: EL COMPROMISO LOCAL DE LA ÉLITE PORTUGUESA EN TENERIFE DURANTE LA PRIMERA MITAD DEL SIGLO XVII

CAPÍTULO II - QUESTÕES DA MEMÓRIA ARQUIPELÁGICA

- 85 **Carmo Daun e Lorena**
À SOMBRA DO PASSADO: MEMÓRIA, IDENTIDADE E COSMOPOLITISMO NA ILHA DE SÃO VICENTE
- 103 **Susana Serpa Silva**
A ILHA GRACIOSA NOS RELATOS DE VIAJANTES ESTRANGEIROS (SÉCULO XIX)
- 121 **Sérgio Rezendes**
AÇORES E MACARONÉSIA, TERRAS DE DEGREDO POLÍTICO EM 1930
- 141 **Mercedes Chinea Oliva**
LA PRESENCIA DEL TRABAJO DE LAS MUJERES EN LOS PROCESOS DE CULTIVO Y TRANSFORMACIÓN DEL ALGODÓN A TRAVÉS DEL FONDO DE LA COMPAÑÍA ALGODONERA DE CANARIAS
- 151 **Cláudia Faria**
GRACIOSA E PORTO SANTO “DOS QUE VIVEM ONDE SOPRA O VENTO”
- 161 **Graça Alves**
UM CANTO À ILHA DA MADEIRA

CAPÍTULO III - TRADIÇÕES, MÚSICA E EXPRESSÕES ORAIS

- 169 **Alcides José Delgado Lopes**
TRADIÇÕES, MÚSICA E EXPRESSÕES ORAIS: ELEMENTOS DE IDENTIDADE DOS ILHÉUS
- 187 **Élia de Sousa**
CHARAMBA - EM BUSCA DE UM FUTURO. CONTRIBUTOS PARA O SEU ESTUDO NO ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA
- 207 **José Andrade**
FILARMÓNICAS DOS AÇORES: PATRIMÓNIO IDENTITÁRIO - O CASO DA ILHA DE SÃO MIGUEL

219 Naidea Nunes e Helena Rebelo

A CRIAÇÃO DE GADO E AS EXPRESSÕES ORAIS: BREVE COMPARAÇÃO DO VOLUME I DO ATLAS LINGUÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA MADEIRA E DO PORTO SANTO COM O DOS AÇORES

CAPÍTULO IV - MUSEUS, ARQUIVOS E NOVAS ABORDAGENS CULTURAIS

239 Rita Rodrigues

VIAGEM: DO ESPAÇO CULTURAL PARA O MUSEU. VIVÊNCIAS RELIGIOSAS MADEIRENSES

259 João Henrique Silva

MUSEU DE ARTE SACRA DO FUNCHAL: MEMÓRIA, IDENTIDADE E PRESENÇA

273 Maria Manuel Velasquez Ribeiro

MUSEOLOGIA AÇORIANA: UMA APROXIMAÇÃO BIOBIBLIOGRÁFICA

285 Jorge António Cunha

MUSEUS E TURISMO CULTURAL: O CASO DO MUSEU DA GRACIOSA

295 Cristina Moscatel

ARQUIVOS AÇORIANOS: PERCURSOS PATRIMONIAIS E DA VALORIZAÇÃO DA MEMÓRIA INSULAR

309 Bruna Pereira

PONTA DELGADA: UMA CIDADE DA MACARONÉSIA INSERIDA NAS TENDÊNCIAS PICTÓRICAS DO SÉCULO XXI

A ILHA GRACIOSA NOS RELATOS DE VIAJANTES ESTRANGEIROS (SÉCULO XIX)

Susana Serpa Silva¹

Universidade dos Açores/CHAM/FCSH

susana.pf.silva@uac.pt

Palavras-chave: Ilha Graciosa; Literatura de viagens; Século XIX.

Nota Introdutória

A literatura de viagens, que abrange uma grande amplitude de categorias (diários, relatos, crónicas, cartas, ensaios científicos, entre outros), não se reporta somente aos estudos literários, sendo muito utilizada, como fonte, pela historiografia. Como, e bem, referiu António Andrade Moniz “a *literatura de viagens*, enquanto expressão da experiência humana de deambulação e de encontro físico e cultural com a pluralidade de espaços, está particularmente vocacionada, mais do que qualquer outro género ou subgénero, para o diálogo intercultural com todas as ciências”². Logo, a História não é excepção, não obstante a necessária salvaguarda de um espírito crítico na análise deste tipo de testemunhos, por vezes descritivos e rigorosos; por

1 Investigadora integrada do CHAM Açores, núcleo do CHAM – Centro de Humanidades (FCSH – Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores).

2 António Manuel de Andrade Moniz, “Ciência e paraciência na literatura de viagens”, in *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, n.º 14, Lisboa, Edições Colibri, 2001, p. 15.

vezes subjetivos, imprecisos e presos a juízos de valor. Os textos da literatura de viagens confrontam o sujeito, individual e colectivo, com a problemática central da identidade/alteridade, ou seja, o eu e o outro, pelo que nem sempre se tratam de narrativas ou visões estritamente científicas³, mas resultantes de interpretações e impressões pessoais e, até, em alguns casos, sustentadas em escritos e relatos anteriores, ou seja, em fontes nem sempre fidedignas ou isentas de erros.

Como aponta Elisa Freitas Schemes, quando se estudam relatos de viagens, é necessário atentar para o “universo cultural” do viajante⁴ e, mais ainda, para as motivações e propósitos da viagem, sempre que possível. Logo, serão forçosamente diferentes os relatos dos visitantes que viajam por prazer e lazer ou por motivos de saúde, daqueles que o fazem por curiosidade científica e, portanto, com o intuito de conhecer e estudar fenómenos naturais.

No caso da literatura de viagens sobre as ilhas dos Açores, no século XIX, deparamos com diferentes tipologias e com múltiplas situações no que se refere aos próprios viajantes. Por isso, podemos distinguir os registos dos naturalistas que demandaram o arquipélago em busca das suas paisagens, dos fenómenos vulcânicos, das riquezas geológicas e termais, das características biológicas ou meteorológicas, legando-nos relatos com alguma cientificidade; dos registos de outros viajantes (marinheiros, oficiais, jornalistas, doentes em busca de uma cura ou simples *touristes*) que a par de inúmeras observações sobre a geografia e a natureza insulares, se dedicaram também a descrever e a analisar a vida económica, a organização social, os costumes e o quotidiano. Nestes casos, deparamos com uma maior subjectividade, bem como com olhares etnocêntricos a roçar, por vezes, o preconceito.

Importa também especificar que nem toda esta literatura de viagens resultou, exactamente, da visita ou permanência nas ilhas açorianas. Há relatos que decorrem da experiência vivida e observada e que se traduzem em testemunhos na primeira pessoa, mas também há registos que repetem leituras efectuadas ou transmitem informações recolhidas, de um “ouvir dizer” que nem sempre alicerça, com rigor, as questões analisadas. Por isso, também importa ter em conta o leitor a que se destina a obra e, sobretudo,

3 Idem, p. 20. Cf. também Maria do Céu Fraga, “Literatura de Viagens: quando nós somos o outro”, in *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, n.º 20, 2011.

4 Elisa Freitas Schemes, “A literatura de viagens como género literário e como fonte de pesquisa”, in *XXVIII Simpósio Nacional de História – Lugares dos Historiadores: velhos e novos destinos*, Florianópolis, p. 1. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439245917_ARQUIVO_2.ARTIGOANPUH2015Elisa-Final.pdf

o tempo em que foi escrita: se durante a viagem ou logo a seguir a esta (o que a torna mais fiável); se muito tempo depois, o que significa um maior distanciamento face aos acontecimentos e observações, ficando o registo à mercê da revisão da memória⁵.

Como referimos, anteriormente, no decurso de oitocentos, inúmeros viajantes, preferencialmente de origem britânica ou norte-americana, além de suecos, franceses e italianos, visitaram ou permaneceram em algumas ilhas dos Açores, com destaque para o Faial, o Pico, Flores, S. Jorge e S. Miguel, dada a sua importância, dimensão e localização geográfica, no conjunto do arquipélago. Havia, portanto, ilhas mais visitadas e, por consequência, o número de relatos é mais abundante para umas, em detrimento de outras. Ainda assim, alguns viajantes incluem dados relativos às ilhas mais pequenas, mas que resultam, amiúde, de fonte indirecta. Outros, porém, focaram-se apenas nas ilhas que visitaram e não deixaram qualquer referência às restantes. O itinerário dependia da rota do navio e da possibilidade ou não de obter transporte para as ilhas de menor dimensão. Apesar de algumas estadas serem longas, nem sempre era exequível a passagem ou permanência em todas as ilhas. Por tudo isto, e pela sua situação mais periférica, a ilha Graciosa é, no conjunto do arquipélago, uma das menos contempladas pela literatura de viagens, do século XIX, relativa aos Açores. Não são, pois, muito numerosas estas narrativas, sobrelevando, entre as poucas que existem, as de alguns naturalistas que, atraídos pela Furna do Enxofre, desembarcaram e visitaram a chamada Ilha Branca.

A Graciosa nos relatos de viajantes estrangeiros do século XIX

No seguimento do que acabamos de observar, a conhecida obra da autoria dos irmãos britânicos Joseph e Henry Bullar, resultante da estada de ambos, nos Açores, em 1838-39⁶, é um exemplo das que não incluem qualquer referência à ilha Graciosa, mas também às da Terceira e Santa Maria. No entanto, abarca as Flores, o Corvo e S. Jorge, conferindo grande destaque ao Faial, ao Pico e à ilha de S. Miguel, onde, em particular, permaneceram

5 Cf. Mary A. Junqueira, “Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador”, in *Cadernos de Seminários e Pesquisa*, FFLCH, Universidade de São Paulo, 2011. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002663470>

6 Joseph and Henry Bullar, *A Winter in the Azores and a Summer at the Baths of the Furnas*, Londres, John Von Voorst, Paternoster Row, 1861.

por longo período. A jornalista norte-americana Alice Baker que publicou, em Boston, em 1882, *A Summer in the Azores with a Glimpse of Madeira* — relato resultante da sua fugaz passagem pelo arquipélago —, sublinhou a escassez de estudos sobre a vida nos Açores, considerando que estas ilhas, e até mesmo Portugal, eram pouco conhecidos e, por vezes, esquecidos pelos viajantes. Não obstante, Baker previa que, com o aumento do número de navios e carreiras de vapores americanos, os Açores se tornariam numa “apetecida estação de repouso a meio caminho da grande rota das viagens para a Europa”⁷. Sobre a Graciosa, as suas observações foram tão sumárias quão rápido foi o avistamento da ilha, ao largo, numa sexta-feira, 15 de Agosto. Classificou-a como “le plus gentil des îles”, conforme lhe tinha assegurado um francês que seguia a bordo. A ilha Branca afigurou-se-lhe como “uma bonita ilhazinha, mas sem especiais atractivos para o turista”⁸. Na opinião desta jornalista, o maior problema das pequenas ilhas residia na falta de bons portos de abrigo e de alojamentos para os visitantes. Esta afirmação nada tem de surpreendente, pois idênticos reparos surgem nos testemunhos de outros viajantes, sobretudo em relação à escassez ou má qualidade das acomodações, mesmo nas ilhas mais populosas e de maior dimensão.

Já para o capitão italiano Enrico d’Albertis, que deixou um interessante testemunho sobre os Açores, datado de 1888, os ventos desfavoráveis, sobretudo quando rondavam a sul, impediam a ancoragem na ilha Graciosa, levando os viajantes, como ele, a rumarem a S. Jorge⁹. Portanto, fosse pela falta de transportes ou de infraestruturas; fosse pelas próprias condições naturais, a ilha Graciosa não era das mais visitadas. Ainda assim, há testemunhos de passagens e de algumas permanências nesta pequena ilha, que procuramos descortinar, seguindo um critério cronológico e naturalmente não exaustivo.

Em 1802, Jean-Gustave Hebbe, oficial da marinha sueca publicou uma *Descrição das Ilhas dos Açores*¹⁰, a que chamou ilhas Terceiras. Ao que tudo indica, terá passado pelo arquipélago numa viagem com destino ao Brasil, mas terá recorrido também a testemunhos de finais do século XVIII, escritos por outros viajantes estrangeiros. Além de apreciações gerais sobre o clima e a situação geográfica, deixou uma descrição de cada ilha, em particular,

7 Alice Baker, *Um Verão nos Açores e a Madeira de relance – I*, Angra do Heroísmo, Tipografia Andrade, Separata do vol. 16 do *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, p. 1.

8 Idem, p. 38.

9 Enriço Alberto d’Albertis, *Crociera del Corsaro alle Azzore*, Milano, Fratelli Treves, Editori, 1888, p. 183.

10 Jean-Gustave Hebbe, *Description des Îles Açores*, Stockholm, s/ n., 1802.



Fig. 1 – O Capitão Enrico Alberto d'Albertis a bordo do seu iate¹¹.

incorrendo em alguns erros, como o de indicar a ilha do Pico como a maior do arquipélago. Referindo-se à Graciosa diz ser uma ilha pequena, que teria 3.000 habitantes e cujo principal comércio residia na venda de trigo e de algum vinho de fraca qualidade. Enquanto o número de residentes se afigura incorreto, pois no século XVIII a Graciosa já ultrapassava os 5.400 habitantes e, em 1844, rondava os 9.500¹², já as referências à produção vinícola parecem corresponder à verdade. De acordo com Félix José da Costa, membro efetivo da Junta Geral Administrativa do Distrito de Angra do Heroísmo e oficial da Secretaria Geral do Governo Civil do mesmo distrito, em publicação dada ao prelo em 1845, os vinhos graciosenses, que antes eram convertidos em aguardente, exportada para o Brasil e territórios africanos, continuavam a ser “muito ordinários”, pelo que, neste tempo, só eram escoados para as ilhas da Terceira e de S. Miguel, “por um preço assaz diminuto”, continuando a converter-se em aguardente e angelica. As causas da diminuta qualidade estariam associadas “ao pouco cuidado e método de colheita e conservação”¹³, a que se seguiram, mais tarde, as pragas do *oidium* e da filoxera, à semelhança das demais ilhas¹⁴.

11 Fonte: <http://www.museidigenova.it/it/museinl/4750/body>

12 Veja-se Susana Goulart Costa, *Graciosa: a ilha esquecida*. Disponível em: <https://www.iac-azores.org/iac2018/projetos/IPIA/graciosa/santacruz/graciosa-ilha-esquecida.html>

13 Félix José da Costa, *Memória Estatística e Histórica da Ilha Graciosa*, Angra do Heroísmo, Imprensa de Joaquim José Soares, 1845, p. 112.

14 J. G. Reis Leite, “Graciosa (ilha)”, entrada da *Enciclopédia Açoriana*, Direção Regional da Cultura. Disponível em: <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/Default.aspx?id=5714>

Prosseguindo com a narrativa de Hebbe, este transcreve um relato que retirou da obra do célebre Chateaubriand, dada ao prelo, em Londres, em 1797, com o título *Essai historique, politique et moral sur les Révolutions anciennes et modernes*¹⁵. O autor citado que visitou a Graciosa em 1791 revela o testemunho de vários padres franceses, e em especial, de um jovem sacerdote britânico, convertido ao catolicismo, que ao rumarem às Américas se detiveram nestas paragens. Descreveram-na como uma ilha de pequenas colinas, coberta de rama de trigo, espalhado em campos simetricamente divididos por muros de pedra vulcânica. Inúmeras figueiras selvagens, com as suas flores violetas, sobressaíam entre os campos e por trás dos telhados vermelhos da pequena vila de Santa Cruz¹⁶. O padre britânico e o segundo capitão, em busca de água e mantimentos, acabaram por decidir ir a terra onde, junto à costa, avistaram numerosos moinhos. A proximidade dos viajantes terá alarmado a população, que parecia desconhecer a bandeira tricolor da França. Porém, quando se aperceberem de que eram europeus e não indivíduos oriundos de Alger ou Tunis¹⁷, receberam-nos com grande alegria e todos os habitantes de Santa Cruz acorreram para os ver! Foram recebidos pela principal autoridade insular, que permitiu que comprassem o que tinham de mais necessidade, e por um monge, oriundo de Jersey, que aqui ficara, na sequência de um naufrágio. Assim descreveram num tom pitoresco:

*Metade da Graciosa, sem qualquer exagero, parece povoada de moinhos pertencentes a grande parte da população. Entre esta, avistamos numerosas e atraentes mulheres. À noite, serviram-nos um excelente jantar, bem regado com Fayal e logo de manhã fomos à missa. Na igreja estavam muitos devotos que, no fim do santo sacrifício, beijaram religiosamente a manga da batina do padre, que oferecia o braço solenemente depois de uma noite de vinho e de deboche. Pouco depois, regressamos a bordo*¹⁸.

De acordo com Félix José da Costa, por meados de oitocentos, eram numerosos os chefes de família e proprietários (num total de 1253 indiví-

15 Cf. Jean-Gustave Hebbe, *ob. cit.*, pp. 316-322.

16 De acordo com Félix José da Costa, ainda por meados do século XIX, o trigo e as figueiras faziam parte da paisagem graciosense. Cf. Félix José da Costa, *ob. cit.*, p. 38.

17 A ilha Graciosa sofreu, por várias vezes, ataques de corsários argelinos. Em 1623, por exemplo, a ilha foi mesmo invadida e os habitantes defenderam-se e resistiram com valentia. Nos finais de setecentos, mais propriamente em 1691, terá havido lugar a uma nova investida, na vila da Praia, desta vez por “americanos ingleses”, que tendo vindo negociar no ano anterior, foram recebidos como amigos. Porém, acabaram por se exceder, pilhando e roubando as alfaias da própria Igreja. Cf. Félix José da Costa, *ob. cit.*, p. 133.

18 Cf. Jean-Gustave Hebbe, *ob. cit.*, pp. 321-322.

duos), entre a sociedade da ilha, revelando as mulheres “uma fisionomia agradável e estatura ordinária”. Abundavam também as igrejas e ermidas e, naturalmente, os preceitos e rituais religiosos¹⁹.

Uma década mais tarde em relação à passagem de Hebbe, o britânico Briant Barrett permaneceu nos Açores, entre 1812 e 1814, visitando 7 das 9 ilhas. O seu manuscrito, guardado por muitos anos na Biblioteca Pública de Ponta Delgada, foi finalmente publicado, em 2017, após um árduo trabalho de tradução²⁰. Pouco se sabe acerca deste viajante que diz ter vindo aos Açores para convalescença, mas que acabou por fazer uma autêntica expedição à descoberta das ilhas. É da sua autoria, o mais completo testemunho que encontramos sobre a ilha Graciosa. Em pleno verão, para aproveitar o bom tempo, Barrett partiu, do Faial, num barco de dez toneladas, carregado de cerâmica de Santa Maria e de Lisboa, com destino à vila da Praia. Após uma viagem que se revelou bem mais atribulada do que seria de esperar, em virtude da força do vento, chegaram sem acidentes, mas debaixo de um enorme susto. Já em terra, Briant Barrett foi recebido pelo Capitão-Mor, Bartolomeu Álvaro de Bettencourt²¹ e toda a sua família. No seu entender, este era quase um “rei” nesta pequena ilha, da qual possuía um terço da superfície. As rendas das suas propriedades, tendo em conta o preço do cereal, em 1813, permitiam-lhe auferir nunca menos de 7.000 libras anuais²².

Depois deste à parte, Barrett descreve com minúcia a vila da Praia, o areal e a costa, bem como o ilhéu, anotando que os norte-americanos eram os únicos que tinham bons mapas destas ilhas, por virem com frequência caçar baleias nestes mares. Por isso, não hesitavam em navegar perto de terra, em sítios bastante perigosos e repletos de rochedos, como sucedia nesta ilha Graciosa. Prossequindo com a sua visita, o inglês encantou-se por uma

19 Félix José da Costa, *ob. cit.*, pp. 52 e 57.

20 Cf. Nota Prévia e Prefácio de Briant Barrett, *Relato da Minha Viagem aos Açores (1812-1814)*, Ponta Delgada, Letras Lavadas, 2017.

21 Era filho do alferes José Francisco de Bettencourt (bisneto de Gaspar Garcia Baleeiro e de sua mulher Bárbara da Silva de Mendonça), casado com D. Clara Maria de Bettencourt, filha de Manuel de Bettencourt Frazão e de sua 1.ª mulher D. Maria de Bettencourt. Bartolomeu Álvaro de Bettencourt, que viveu entre 1759 e 1818, era capitão-mor das ordenanças da Graciosa, desde 1795, o que justificou a sua nobreza em 1805. Casou com D. Joaquina da Corte Celeste Gil da Silveira, filha herdeira de José António da Cunha e Silveira, escudeiro e cavaleiro fidalgo da casa real (por alvará de 12 de Fevereiro de 1778), a quem foi passada carta de brasão de armas, a 25 de Janeiro de 1719. Bartolomeu Álvaro de Bettencourt e sua esposa foram pais do 1.º Barão da Fonte do Mato, António Cunha da Silveira de Bettencourt, igualmente capitão-mor da Praia. Cf. Manuel Lamas, “Fonte do Mato, Barões e Viscondes da”, entrada da *Enciclopédia Açoriana*, Direção Regional da Cultura. Disponível em: <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/Default.aspx?id=7041>

22 Briant Barrett, *ob. cit.*, p. 200.

nascente a cerca de meia légua a sul, não muito longe da Ponta dos Homiziados — a qual ele próprio denominou de Formosa. Junto dela os locais juntavam-se para beber água e lavar roupa²³. A caminho da aldeia do Carapacho, onde encontrou a nascente de água quente, pôde vislumbrar as terras do interior, junto às montanhas, que produziam muito linho. Na aldeia, mediu a temperatura da água e foi informado, pelo homem que a transportava em baldes “para umas paupérrimas casas de banho, onde havia banheiras”, que esta tinha a fama de abrir o apetite e que era recomendada às mulheres em “certas ocasiões”²⁴. A maior parte da terra estava plantada com vinha e existia um forte com dois canhões que só eram disparados, como em quase todas as ilhas, por homens condenados. De regresso à Praia avistara a Serra Branca e a sul os melhores vinhedos da ilha²⁵.

Depois da visita à aldeia de Nossa Senhora de Água de Lupe ou Guadalupe (cujo culto, na Península Ibérica, remontará ao tempo dos visigodos), o viajante assistiu à coroação de dois Imperadores em Nossa Senhora da Vitória. Além de descrever os rituais e as vestes dos foliões, Barrett não foi nada elogioso para com os cânticos em honra do Espírito Santo. Achou os sons “horríveis”, dizendo, com humor e alusão aos hábitos etílicos:

*A composição é espontânea e executada com mais ou menos fervor, de acordo com o génio poético do cantor. A sua devoção dependia, também, da quantidade de rum do Brasil que ele tivesse tomado, naquela altura*²⁶.

Nas palavras de Félix da Costa, o povo da Graciosa era, naquele tempo,

(...) amigo da caça, e dos recreios da pesca, assim como se entretém com o teatro, e se entrega a diferentes folgares, único descanso de suas fadigas diárias. Estes consistem em romarias, onde aparece grande concurso de todas

23 Félix José da Costa menciona, não uma Ponta, mas os Ilhéus dos Homiziados, adjacentes à vila da Praia. Quanto à nascente, apelidada de Formosa, parece-nos ser a fonte da Rocha, a que se refere Félix da Costa, dizendo estar colocada a les-sueste da vila, correndo a água para um pequeno depósito que, ao formar uma piscina, permitia a lavagem de roupa. Apesar da água ser pesada e pouco sabrosa, era dela que bebiam os moradores dos Fenais e da Portela. De resto, algum gado também ia ali beber. Cf. *ob. cit.*, pp. 3 e 18-19.

24 Mais de 30 anos depois de Barrett, Félix José da Costa designava estas águas termais como “águas novas” que, então, se reputavam de sulfúreas, com misto de férreas e nitrosas. Segundo o então oficial da Secretaria do Governo Civil de Angra, dadas estas propriedades, com reflexos na limpeza de peças em ouro, por inícios do século XIX havia-se começado a recorrer a banhos, que se iam tornando profícuos no curativo de reumatismo, problemas cutâneos e moléstias nervosas. Em sua opinião, devia a Câmara Municipal da Praia, tratar dos melhoramentos do local, por ser de conveniência pública. Cf. *ob. cit.*, p. 25.

25 Briant Barrett, *ob. cit.*, pp. 202-203.

26 *Idem*, p. 206.

*as classes do povo, (...). Originam também muitos divertimentos, as festas do Espírito Santo, desde a Páscoa até domingo da Trindade, que se compõem de charambas, que abrangem muitas variedades de bailes com des-cantes e cantatas próprias de cada um, o que muito deleita este belo povo*²⁷.

Seria, certamente, a estes cantares à desgarrada que se referiu, com estranheza, Briant Barrett. Todavia, apesar da crítica e da ironia, ficou bem impressionado com as festividades em honra do Divino, considerando que o espectáculo a que assistiu na Vitória tinha sido verdadeiramente agradável. Vira reunir cerca de 700 trabalhadores pobres a quem foi oferecido sopa, carne de vaca, pão e hortaliças, em grande abundância. Além disto, cada adulto recebeu um pão de milho e vinho, cabendo a cada criança metade da quantidade dos mesmos produtos.

A vila de Santa Cruz, capital da ilha, é igualmente descrita, com pormenor, na obra de Barrett, desde o convento dos Franciscanos, aos edifícios da bonita praça, a cadeia, a Capela de Santo André, a Igreja Matriz, que caracterizou nestes termos:

A Igreja Matriz de Santa Cruz está em bom estado de conservação e é bem ornamentada, com pinturas muito antigas de grande valor; as colunas da nave são redondas.

*Esta Igreja situa-se do lado sudeste da praça. No centro desta existe um grande tanque de água, cercado por um muro*²⁸.

Referindo-se ao povo graciosense, Barrett fala de uma população trabalhadora, por não haver sequer um único acre de terra que não estivesse aproveitado. São suas as seguintes palavras:

*A pequena ilha Graciosa, com menos de cinco léguas de circunferência, produz, anualmente, para mais de 10.000 moios (...) de cereais de várias espécies, tais como: trigo, milho, cevada, e feijão, ervilhas e tremoços, sendo uma quantidade destes exportados para outras ilhas. Uma população com cerca de 10.000 habitantes (...) gasta cerca de 2.000 pipas de vinho, vinho este que é produzido na própria ilha*²⁹.

27 Félix José da Costa, *ob. cit.*, pp. 56-57.

28 Briant Barrett, *ob. cit.*, p. 209.

29 *Ibidem*, p. 210. Também Félix da Costa enaltece o carácter laborioso dos graciosenses e a sua dedicação às tarefas agrícolas. Por meados de oitocentos, em toda a ilha, não se encontravam terrenos incultos, salvo raríssimas exceções. Cf. *ob. cit.*, pp. 57 e 103 e ss.

Ao longo dos seus percursos e passeios, Barrett deparou-se com inúmeros coelhos e contabilizou 24 vulcões, grandes e pequenos, no cimo das altas montanhas. A Grande Caldeira era das mais perfeitas do género que já tinha observado e, desde a sua descoberta, não havia memória de qualquer erupção. Tal como sucedeu com outros viajantes, Barrett desceu ao fundo da cratera, onde, segundo ele, encontrou muitas e curiosas grutas “de maravilhosa simetria”.

Não há dúvida que a Caldeira e a Furna do Enxofre constituíam já, mesmo apesar das difíceis acessibilidades, um dos principais atrativos da ilha Branca — epíteto atribuído, bem mais tarde, por Raúl Brandão. Aliás, alguns dos viajantes que aportaram à ilha, no século XIX, eram importantes e reconhecidos naturalistas, empenhados em conhecer as especificidades deste monumento natural. Os viajantes naturalistas eram exploradores ou cientistas de campo que, através do desbravamento do desconhecido, da observação direta e do levantamento, reconhecimento e classificação de elementos geológicos, minerais e biológicos, procuravam contribuir para a evolução do estudo da História Natural. Entre os seus objetivos estavam a comprovação ou refutação de conhecimentos já escritos e divulgados, bem como a apresentação de novos dados e descobertas³⁰.

Em 1835-36, Carl Friedrich August Grosse, mais conhecido como Conde Vargas-Bedemar, camarista de Frederico VI, rei da Dinamarca, Diretor do Museu Real de História Natural de Copenhaga e membro da Academia Real das Ciências da Dinamarca³¹ - um naturalista, portanto - deixou um relato das suas observações geológicas feitas aquando de uma viagem às ilhas da Madeira e dos Açores.

Salientando a importância destes arquipélagos pela sua situação geográfica, pelas suas produções e fenómenos vulcânicos, não deixou de notar que a maioria das ilhas que os compunham nunca haviam sido examinadas do ponto de vista científico. Por este motivo, procurou abranger, na sua deslocação, todas as ilhas, incluindo, portanto, a Graciosa. Sobre esta, registou:

30 Veja-se, por exemplo, Lucas de Lima Fernandes Padoan, “Explorando o desconhecido: as contribuições dos viajantes naturalistas para as Ciências Naturais no Brasil no século XVIII e XIX”, in *Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental* - REGETA - V. 19, n.º 1, jan.- abr. 2015, pp.194-201. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/2236117015794>; Glyn Williams, *Naturalists at Sea. From Dampier to Darwin*, Yale University Press, 2013.

31 Conde Vargas-Bedemar, “Resumo de Observações Geológicas feitas em uma viagem às ilhas da Madeira, Porto Santo e Açores nos anos de 1835 e 1836”, in *Arquivo dos Açores*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1982, vol. X, pp. 289-296.



Fig. 2 - O cientista Vargas-Bedemar, numa pintura de 1840, do Museu Geológico de M. Brünnich³².

É uma das [ilhas] pequenas e das mais notáveis do Arquipélago dos Açores. Quase no centro dela é que se acha o xisto argiloso primitivo, em camadas horizontais estendidas; a estas camadas se acham sobrepostas rochas basálticas e traquíticas. Na ponta meridional acha-se uma vasta cratera, no fundo da qual saem, por uma fenda quase inacessível, muitas florescências de enxofre. Uma veia basáltica mui notável desce por uma das paredes interiores da cratera de lava traquítica. O espaço em forma de anfiteatro semicircular, onde se acham colocadas três capelas nos três pontos principais, junto a Santa Cruz, não é mais do que um seguimento da cratera³³.

Também Félix José da Costa se refere à visita de Conde de Vargas-Bedemar à ilha Graciosa e afirma que nas investigações que ele levou a cabo, veio a detetar que no fundo desta furna existia ferro em abundância, enxofre e outras substâncias mineralógicas, salientando que o solo daquele lugar, de

32 Fonte: <http://faeroensis.blogspot.com/2017/04/hc-lyngbye-kirkjubstolene-og-andre.html>

33 Idem, p. 295.

barro branco, nunca fora tocado pelo fogo. De resto, segundo este autor, com base nas explorações de Vargas-Bedemar, a estrutura do terreno da ilha Graciosa era a mesma que se encontrava nas ilhas da Madeira e Porto Santo, nas Canárias e por todos os Açores³⁴.

O Conde, nas suas observações, concluiu que dada a existência de xisto argiloso primitivo, em camadas horizontais — não só na Graciosa, mas em quase todas as ilhas — de certo, as massas de rocha que as formavam, teriam sido levantadas no fundo do mar pela ação dos vulcões e que estas ilhas teriam feito parte de uma grande ilha ou continente, sobrevivendo a uma devastadora catástrofe, que teria sido configurada numa submersão³⁵.

Anos mais tarde, mais precisamente em 1857, o naturalista francês Henri Drouet³⁶, vindo de Lisboa, munido de uma carta de recomendação do próprio D. Pedro V, que classifica como “esclarecido protetor das ciências”, trazia a intenção expressa de explorar o arquipélago dos Açores, do ponto de vista da sua História Natural, assim como os territórios da Guiana e de Angola³⁷. Inscrito, pois, na onda da exploração científica de novos territórios, sobretudo africanos — exponencialmente fomentada a partir de meados do século XIX —, Drouet, acompanhado por Arthur Morelet, permaneceu algum tempo na ilha de S. Miguel, partindo depois para o Faial. Na cidade da Horta (onde ficou o Sr. Morelet), Henri Drouet conseguiu um transporte para a Graciosa, para onde partiu, a 15 de julho, juntamente com o geólogo alemão, Georg Hartung³⁸. A travessia num pequeno iate, com destino a

34 Félix José da Costa, *ob. cit.*, p. 30.

35 Conde Vargas-Bedemar, “Resumo”, in *ob. cit.*, p. 295.

36 Henri Drouet nasceu em 1829. Foi conselheiro da Prefeitura da Costa de Ouro, Cavaleiro da Ordem Real e Militar de Saint Jacques-de-l'Épée, membro honorário ou correspondente da Real Academia de Ciências de Lisboa, da Real Sociedade de Ciências de Liège, da Sociedade Lineana de Bordéus, da Sociedade Académica de Aube e de muitas outras agremiações de sábios francesas e estrangeiras. Tornou-se num especialista em malacologia e desenvolveu inúmeros contactos com naturalistas de vários países europeus. Cf. Notice sur M. Drouet, 1864. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6261871g/f3.image>
Entre as suas principais obras, destacam-se: *Enumération des mollusques terrestres et fluviatiles vivants de la France continentale*, Liège : H. Dessain, 1855; com A. Morelet, “Conchologie Azoricae prodomus novarum specierum diagnoses sistens”, in *Journal de Conchologie*, (2), 2, 6, 1857; “Mollusques marins des îles Açores”, in *Mémoires de la Société Académique de l'Aube*, 22, 1858; *Rapport à S. M. le Roi du Portugal sur un voyage d'exploration scientifique aux îles Açores*, Troyes, 1858; “Coléoptères açoréens”, in *Revue et Magazine de Zoologie*, (2) 11: 248, 1859; *Éléments de la Faune Açoréenne*, Paris, J.-B. Baillièrre & Fils, 1861; *Catalogue de la Flore des îles Açores précédé de l'itinéraire d'un voyage dans cet archipel*, Paris, J.-B. Baillièrre & Fils, 1866 e, ainda, *Sur Terre et Sur Mer. Excursions d'un Naturaliste en France, aux Açores, a la Guyane et a Angola*, Paris, L. Hachette et C.ie, 1870.

37 Henri Drouet, *Sur Terre et Sur Mer. Excursions d'un Naturaliste en France, aux Açores, a la Guyane et a Angola*, Paris, L. Hachette et C.ie, 1870.

38 G. Hartung (1822-1891) deixou numerosos livros de viagens, entre eles sobre as ilhas da Macaronésia.

Santa Cruz, por entre avistamentos de enormes cachalotes, foi — segundo o próprio naturalista francês — uma das mais penosas que fez entre as ilhas dos Açores. Somente a 18 de julho conseguiram arribar à vila da Praia, muitíssimo fatigados. Contudo, bastaram algumas horas de repouso, para os viajantes resolverem explorar as imediações³⁹.

No dia 20 de julho, sob um sol ardente, visitaram, então, a Caldeira. Chegaram lá por um caminho pedregoso, com um declive bastante suave, rodeado, até certa altitude, por figueiras enormes. Chegados à região das pastagens, o grupo em que Drouet se inseria, atingiu as bordas da cratera, avistando uma parte da mesma e descortinando um pequeno lago. A outra metade estava escondida por dois montículos mais volumosos que ocupavam a região do meio. A caldeira apresentava-se com uma “fisionomia particular e com um caracter eminentemente selvagem”. As paredes interiores, muito escarpadas e abruptas, eram compostas por rochas nuas e acinzentadas que formavam grupos bizarros. Havia pouca vegetação, mas a suficiente para mitigar a aridez do lugar. Ao fundo, no pequeno lago e pântano, algumas lavadeiras, vindas da Praia, procuravam a água que faltava nesta parte da ilha. Pelo meio-dia o sol era intenso (32 graus), projetando-se sobre a Caldeira, onde os viajantes já tinham recolhido muitas rochas pirotécnicas. A 21 de julho acabaram por partir com destino às Flores⁴⁰.

Em março de 1879, outro entusiasta do estudo da natureza e, em especial, das questões oceanográficas e meteorológicas, aportou à vila da Praia, na ilha Graciosa, a bordo do seu iate *Hirondelle*⁴¹. Referimo-nos ao Príncipe Alberto I, do Mónaco, que, desde 1873, iniciara, precisamente nesta embarcação, inúmeras viagens pelo mar Mediterrâneo e pelo Atlântico, desde o norte de África até às Canárias, Madeira e Açores. Neste arquipélago, terá ficado fascinado com a beleza das paisagens e pela variedade e exuberância da vegetação⁴². Mais tarde, a partir de 1885, entusiasmado com o desenvol-

Na sua obra sobre os Açores (*Die Azoren in ihrer äusseren erscheinung und nach ihrer geognostischen natur: Atlas enthaltend neunzehn tafeln und eine charte der Azoren*, Leipzig, Verlag von Wilhelm Engelmann, 1860), incluiu um conjunto de ilustrações de grande interesse científico.

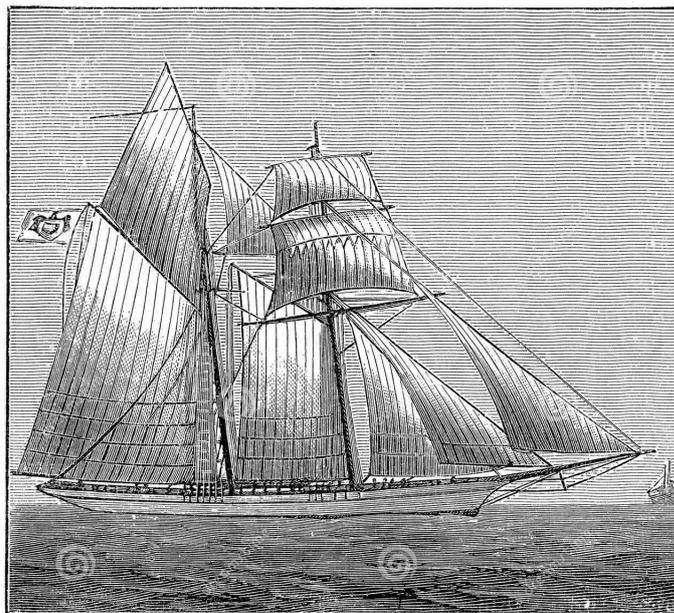
39 Henri Drouet, *Sur Terre... ob. cit.*, pp. 67-68.

40 Idem, pp. 68 e ss.

41 “Viagem do Príncipe de Mónaco à Ilha Graciosa em Março de 1879”, notícia transcrita do jornal *A Terceira*, n.º 1047, de 10 de Maio de 1879, in *Arquivo dos Açores*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1982, vol. IX, pp. 477-480.

42 Jacqueline Carpine-Lancre, “Alberto I, Príncipe do Mónaco”, entrada da *Enciclopédia Açoriana*, Direção Regional da Cultura. Disponível em: <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/Default.aspx?id=2812>

vimento da ciência e da técnica, especialmente em torno da investigação marinha, veio a organizar vinte e oito campanhas, treze delas dedicadas, no todo ou em parte, ao arquipélago dos Açores, região, aliás, à qual ficou histórica e cientificamente associado.



Download from
Dreamstime.com

111791809
Lúcia Vallon Furti | Dreamstime.com

Fig. 3 – O iate Hirondele⁴³.

À chegada à ilha Graciosa, Sua Alteza recebeu, a bordo, o chefe da delegação da Alfândega, o fiscal da secção e mais dois cavalheiros, aos quais manifestou o seu desejo de visitar o vulcão extinto, denominado a Caldeira, solicitando logo numerosas informações. Como o tempo se encontrava chuvoso, a excursão ficou marcada para o dia seguinte⁴⁴.

Embora a narrativa desta visita não se enquadre propriamente na designada literatura de viagens, dado que o que consta do *Arquivo dos Açores*, é uma notícia transcrita do periódico *A Terceira*, publicado em maio de 1879, seria imperdoável não dar nota desta visita, não só por ter sido efetuada por um viajante estrangeiro, mas atendendo à figura em causa — uma das mais

43 Fonte: <https://pt.dreamstime.com/hirondele-iate-da-exploração-de-albert-mim-pr%C3%ADncipe-mónaco-cópia-velha-image111791809>

44 “Viagem do Príncipe de Mónaco ...”, in *ob. cit.*, pp. 478-479.

ilustres que visitou esta ilha. Ademais, a notícia transcrita procura refletir o grande interesse de Alberto I, do Mónaco em explorar a Caldeira da Graciosa, bem como algumas das suas impressões sobre o povo graciosense. Aliás, segundo o jornal *A Terceira*, era a primeira vez que um príncipe aportava à pequena ilha, o que terá deixado a população local muito entusiasmada.

Seguindo, pois, um relato feito na terceira pessoa, o Príncipe do Mónaco foi assaz madrugador, uma vez que no dia seguinte ao da chegada, pelas 7h00 da manhã, já estava a desembarcar, vindo no escaler da alfândega, juntamente com o seu ajudante de campo, Ernesto Plati. Atendendo à hora, a única pessoa que o recebeu foi o agente consular dos EUA, José de Castro Canto e Mello. Mas, espalhando-se rapidamente a notícia, de imediato compareceram as principais autoridades da ilha, assim como algumas das figuras mais proeminentes da sociedade local, como João José de Simas e Cunha⁴⁵. Seriam 9h00 quando Sua Alteza, depois de recusar qualquer transporte, partiu, a pé, para a Caldeira, juntamente com o seu ajudante de campo e ambos acompanhados pelo “Dr. Azevedo, João José da Cunha Vasconcelos, Jerónimo de Castro, Manuel Mesquita e Estevão Borges do Canto”⁴⁶.

Habitado a grandes caminhadas, feitas ao longo das suas expedições, o Príncipe nunca hesitou, mesmo aquando da subida da encosta. Mal o grupo chegou à cratera (hoje Furna do Enxofre), foram preparadas as cordas, pelas quais desceram, mais de 50 metros. Depois de examinar o local, o ilustre visitante terá declarado “que era a primeira coisa que naquele género tinha visto”⁴⁷.

De regresso à Praia e após um farto lanche servido em casa do agente consular e na presença de diferentes autoridades, como o juiz substituto, João Álvaro de Brito de Albuquerque, o príncipe não só agradeceu e brindou ao povo graciosense, como terá manifestado a sua perplexidade pelo facto do príncipe Napoleão não ter visitado a ilha no decurso da sua “viagem científica”, acrescentando – segundo o jornal terceirense – “que estava intimamente convencido que se todos os viajantes conhecessem o carácter amável dos graciosenses esta ilha seria por eles mais visitada”⁴⁸.

O próprio, porém, acabou por não chegar à vila de Santa Cruz, para desgosto dos seus habitantes e apesar de ter manifestado vontade de o fazer. Porém, tencionava levantar âncora ainda antes do por do sol. A poucos mo-

45 Seria descendente do antigo capitão de milícias João Inácio Simas e Cunha. Cf. Félix José da Costa, *ob. cit.*, p. 138.

46 “Viagem do Príncipe de Mónaco ...”, in *ob. cit.*, p. 478.

47 *Idem*, p. 478.

48 *Idem*, p. 479.

mentos de se retirar para bordo, Alberto de Mónaco deixou dois autógrafos, em que enalteceu a hospitalidade dos graciosenses:

L'île Gracieuse est aussi bien nommée pour son aspect comme pour le caractère de ses habitants.

L'île Gracieuse est petite par son étendue mais grande par son hospitalité⁴⁹.

Por finais da centúria, mais propriamente em 1882, o norte-americano Lyman Weeks, publicou, em Boston, a obra *Among the Azores*, que resultou de um conjunto de cartas escritas durante a sua estada nas ilhas, preferencialmente, em S. Miguel. Este testemunho, publicado em fascículos na revista *Insulana*, do Instituto Cultural de Ponta Delgada, deixou-nos um breve olhar sobre a ilha Graciosa que, segundo este viajante, avistada ao longe, a partir do Faial, parecia duas pequenas ilhas separadas, atendendo a que as suas extremidades eram constituídas por altas montanhas e a parte central encontrava-se quase ao nível do mar. Das suas sumárias observações (que não resultam de uma estada na ilha, mas sim de informações recebidas), ressalta a seguinte passagem:

É uma das mais férteis do arquipélago e, ainda que pequena, é razoavelmente próspera, produzindo e exportando grandes quantidades de cereais, frutas e hortaliças. Outrora, a população dedicava a sua atividade ao vinho. Este era geralmente destilado numa aguardente forte; mas, devido à decadência da viticultura, é atualmente pequena a produção de aguardente⁵⁰.

Considerações finais

Sem pretendermos esgotar, neste texto, um tema fascinante, rico e abrangente, procuramos deixar um breve contributo para a História da Graciosa, com base nos olhares dos viajantes oitocentistas, sobre uma das ilhas, dos Açores, menos visitada naquela centúria e menos estudada pela historiografia dedicada ao arquipélago.

49 Ibidem, p. 480.

Já em 1845, Félix José da Costa relevava o carácter hospitaleiro, franco e delicado dos habitantes da Graciosa. Nas suas palavras: “São laboriosos, fortes e resolutos: dotados de uma sagacidade natural, amantes de suas famílias, e sobremodo solícitos pelo seu crédito e honra. O povo é bem morigerado, e humano (...). Entre seus principais moradores existem muitos indivíduos verdadeiramente cavalheiros, simpáticos pelas suas maneiras, nobreza, e independência do seu carácter”. *Ob. cit.*, pp. 55-56.

50 Lyman Weeks, “Os Açores”, in *Insulana*, Ponta Delgada, ICPD, vol. XIV, 2.º semestre, 1958, p. 244.

Sendo certo que se trata de uma ilha pequena e periférica, ainda assim quase atingiu os 10.000 habitantes, no século XIX, e exerceu um papel considerável na produção agrícola e nas redes comerciais inter-ilhas e exteriores. A sua pacata e um tanto isolada sociedade, viu destacarem-se algumas figuras de vulto, que não só alcançaram poder e riqueza, como demonstraram dominar as regras de bem receber.

Os relatos aqui descritos e compilados, conjugam observações e testemunhos resultantes de estadas na ilha, com informações recolhidas após meros avistamentos ao largo. A par dos destacados relatos de naturalistas, especialmente interessados na exploração da Caldeira e na descoberta das peculiaridades geológicas e vulcânicas da ilha, surgem outros, com interesses mais abrangentes e diversificados. Foi o caso de Briant Barrett que, além da descrição física da ilha, observou e registou alguns costumes e aspetos da vida quotidiana dos graciosenses: um povo trabalhador, morigerado e dedicado tanto ao cultivo da terra, como ao cultivo da hospitalidade.

